

## Arquitetos preparam-se para a reunião da SBPC em Fortaleza

O Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, estará participando, juntamente com o IAB-CE, da 31.ª Reunião da SBPC que se realizará em Fortaleza em julho deste ano. Os dois Departamentos estão organizando uma mesa-redonda sobre o tema "Arquitetura e Dependência Técnica no Brasil". De São Paulo, irá o arquiteto Luiz Carlos Chicherchio.

### Arquitetos baianos na defesa dos moradores da favela de Calabar

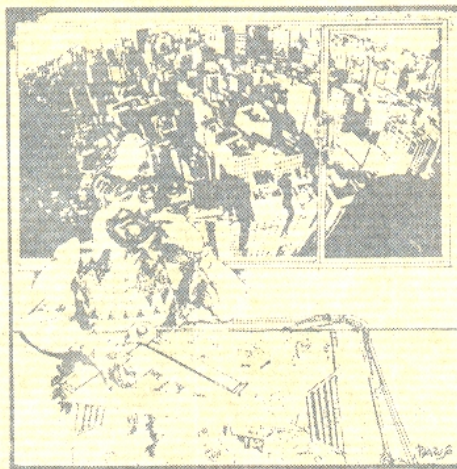
Em Salvador, mais precisamente no bairro Calabar que fica entre a Ondina e a avenida Centenário, foi realizada no dia 14 de abril último uma concentração para discutir a situação do bairro, buscando uma solução para os problemas de mais de mil famílias. Entre as entidades de bairro e representantes paroquiais presentes, estavam também membros do IAB-BA, que participaram do debate.

O principal problema do bairro, além da questão da posse dos terrenos ocupados por mais de mil famílias há quase trinta anos mas pertencentes à Santa Casa de Misericórdia, é a total inexistência de infra-estrutura urbana. Segundo um dos participantes, o principal ponto levantado na ocasião foi um alerta à população do bairro para que lutem por seus direitos, buscando junto às autoridades competentes uma solução definitiva para o problema. Essa solução poderia ser ou pedir melhorias para o bairro ou "uma outra área onde possamos viver como gente".

### Exposição Permanente de Projetos mostra a produção dos paulistas

O IAB de São Paulo está realizando mensalmente uma Exposição Permanente de Projetos, cuja finalidade é mostrar e debater uma produção hoje desconhecida, dos arquitetos formados na Grande São Paulo nos últimos 10 anos, que constituem a maioria da categoria. Sua produção sofreu não só os reflexos de uma formação feita após a reforma universitária, mas também em condições completamente distintas do mercado de trabalho.

Isso não elimina, no entanto, que arquitetos de outras gerações tragam seus projetos para discutir, inclusive para que se possa estabelecer comparações entre fases diferentes de produção.



A Exposição é realizada em ciclos e pretende-se que aconteça um a cada mês. Não há pré-seleção dos trabalhos a serem expostos, para que a exposição evidencie a real qualidade da produção atual. Além disso, ela é uma "mostra pobre", com painéis heliográficos montados em cartão, para que as condições financeiras não impeçam que muitos arquitetos mostrem seus trabalhos.

O 1.º ciclo foi realizado em abril, com um debate no dia 4 daquele mês, coordenado pelos arquitetos Rodrigo Lafèvre e Ubirajara Gilioli. Ele serviu mais com um "ensaio geral das outras fases da Exposição, pois, mais que um debate sobre as próprias obras, serviu para que todos levantassem questões importantes a serem discutidas. E, também, para fazer críticas à mostra, dando sugestões para seu aprimoramento. Entre as duas contribuições mais importantes desse debate, ficou a decisão de se discutir o **processo de produção** da Arquitetura, que é bastante diferente, se analisarmos os escritórios de Arquitetura e as empresas (públicas e privadas), onde não só há maior divisão técnica do trabalho, como as próprias relações de produção são distintas. Também decidiu-se abrir a Exposição a projetos que não chegaram a ser realizados; e trazer trabalhos feitos nas grandes empresas, para se comparar os originais com o que acabou saindo, entrando assim a fundo nos entraves ao trabalho do arquiteto nessa área.

### A luta dos capixabas por seus monumentos históricos

Apenas o Porto de São Mateus mereceu a atenção do governo do Estado do Espírito Santo, que vem tratando com bastante descaso seus monumentos históricos. Segundo a arquiteta Helena Maria Gomes, do IAB-ES, da vasta arquitetura histórica que o Estado possui, apenas estão tombados aqueles que tiveram não só importância para a história do Estado mas também para a do país, graças ao Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, que se lembrou deles.

O governo estadual só se lembrou do Porto de São Mateus que, ainda assim, foi tombado mas até hoje não recebeu nenhuma obra de conservação ou restauração. Os monumentos restantes estão entregues à ação da natureza, que vai destruindo aos poucos tudo o que resta dos últimos redutos da história estadual.

### Contratos de risco na Amazônia são ameaça à sabedoria nacional

O Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento da Bahia, sediou, no último dia 10 de abril, um ato público organizado pelo Comitê de Defesa da Amazônia, com o objetivo de buscar "maior união do povo brasileiro na luta pela defesa do seu maior patrimônio cultural: a Amazônia".

Segundo uma nota distribuída pelo Comitê, na ocasião, "o anúncio pelo ministro do Interior, Mario Andreazza, da efetivação do plano governamental de vender a floresta amazônica através dos contratos de risco vem consolidar a política de entrega da Amazônia a grandes grupos nacionais e estrangeiros, numa atitude de desrespeito ao povo brasileiro, além desse fato se constituir num atentado à soberania nacional".

### 80 mil habitações pelo plano de cooperativas

O Inocoop-SP — Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais de São Paulo — já traçou seu plano para a construção de moradias de 1979. Com uma pretensão inicial de 15 mil unidades, antes mesmo de ser iniciado o plano já foi ampliado para 21 mil unidades habitacionais, que serão construídas dentro dos tetos fixados pelo BNH, ou seja, 1.100 UPC (385 mil cruzeiros), para o Interior, e 1.350 UPC (472 mil cruzeiros) para a Grande São Paulo.

O superintendente da entidade, Hércules Augusto Masson, disse ainda que dará prioridade ao Interior do Estado, devido à grande solicitação de construção de moradias. Dentro desse plano para 1979, deverão estar incluídos os 788 apartamentos do Parque Jabaquara, a serem construídos em convênio com a Emurb, que cedeu o terreno.

O custo previsto para a construção dessas 21 mil unidades fica por volta de sete bilhões de cruzeiros, considerando-se o preço médio de 900 UPCs por unidade. Segundo Masson, não faltarão recursos, pois o orçamento operacional do BNH prevê a construção de 80 mil unidades dentro do sistema cooperativo no Brasil. "Nós não temos disponibilidade de verba prévia", explica, "mas havendo apresentação de propostas, não faltarão recursos."